



<https://doi.org/10.51880/ho.v24i1.1201>



História negra, história oral e genealogia¹

Alex Haley

Tradução: Alice Faria*

Quando criança, eu morava numa pequena cidade da qual vocês provavelmente nunca ouviram falar chamada Henning, no estado de Tennessee, mais ou menos 50 milhas ao norte de Memphis. Eu vivia lá com meus pais, em uma casa que era da mãe de minha mãe. E minha avó e eu éramos muito, muito próximos. Durante todo o verão de que eu consigo me lembrar da minha infância em Henning, minha avó recebia visita de familiares, sempre mulheres, sempre mais ou menos de sua faixa etária, com quarenta e tantos e cinquenta e poucos anos. Elas vinham de lugares que pareciam bastante exóticos para mim – Dyersburg, Tennessee, Inkster, Michigan – cidades como essas, Saint Louis, Kansas City. Tinham nomes como prima Georgia, tia Plus, tia Liz, e assim por diante. E todas as noites, depois de a louça do jantar ser lavada, elas saíam para a varanda da frente e se sentavam em cadeiras de balanço de palha, e eu me sentava atrás da cadeira da minha avó. Em cada uma dessas noites de verão, só não quando havia uma fofoca especialmente quente que se sobrepunha, conversavam sobre exatamente a mesma coisa. Tratava-se de pedaços, trechos e retalhos do que eu mais tarde entenderia como uma narrativa histórica da família, que tinha sido passada por gerações.

Quando menino, eu não conseguia entender a maior parte do que elas conversavam. Algumas vezes, falavam sobre pessoas que eu frequentemente não sabia

¹ Publicado originalmente sob o título “Black History, Oral History, and Genealogy” (*The Oral History Review*, v. 1, n. 1, 1973). Republicado com permissão da Oral History Association: <https://www.oralhistory.org/>.

* Tradutora e pesquisadora. Graduada em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e mestre em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: farialice@gmail.com

quem eram; não sabia o que era um *old massa*.² Não sabia o que era uma *old missus*.³ Elas falavam de lugares; eu não sabia o que era uma *plantation*.⁴ E então, em outros momentos, intercalados com essas histórias, elas contavam anedotas, acontecimentos envolvendo essas pessoas ou esses lugares. A pessoa mais antiga de quem falavam era alguém que elas chamavam de “o africano”. E lembro-me que, a primeira vez em que ouvi as palavras África ou africano, foi da boca delas, lá na varanda de frente em Henning.

Acho que eu primeiro me dei conta de que as coisas de que falavam eram de um passado muito antigo, pelo fato de elas serem senhoras cheias de rugas, de cabelos grisalhos ou, em alguns casos, totalmente brancos, e de eu ser um menininho de três, quatro, cinco anos. Vez ou outra, quando uma delas ficava animada contando algum caso, apontava com o dedo ou a mão em minha direção e falava algo como “Eu não era maior do que esse pequeno aqui”. E a própria ideia de que alguém tão velho e enrugado como ela tinha tido a mesma idade que eu era simplesmente espantoso. Por isso sabia que fazia muito, muito tempo que tinham acontecido as histórias que elas contavam.

Quando falavam desse africano, a pessoa mais antiga de todas, elas contavam como ele tinha sido trazido para este país num navio, que tinha chegado a um lugar que elas pronunciavam como “Naplís”. E tinha sido comprado desse navio por um homem com o nome de John Waller, dono de uma *plantation* em um lugar chamado condado de Spotsylvania, no estado de Virgínia. Então contavam como ele vivia nessa *plantation* e tentava fugir frequentemente. Nas primeiras três vezes em que escapou, ele foi pego e foi punido com um castigo pior do que as vezes anteriores. E, na quarta vez que fugiu, ele teve o azar de ser capturado por um capitão do mato. Cresci ouvindo como esse capitão do mato resolveu fazer dele um exemplo. E cresci ouvindo como ele deu ao africano a escolha entre ser castrado ou ter um pé amputado. E o africano escolheu o pé. Cresci ouvindo como seu pé foi colocado contra um tronco e foi decepado no meio do arco. Foi um ato horrendo. No entanto, como se revelou, essa punição foi central para a preservação de uma narrativa transmitida na família por tanto tempo.

Por duas razões. Uma delas era que, em meados do século XVIII na Virgínia, quase todos os escravizados eram vendidos em leilões. Um homem escravizado em boa condição era vendido pelo preço médio de \$750. Ao final de todos os leilões, havia o que eles chamavam de venda dos restos, e aqueles que eram deficientes, doentes, ou não

² Variação de “master” característica da fala de negros do Sul dos Estados Unidos na época da escravidão. Pode ser traduzida pela forma “sinhô”, característica do falar negro brasileiro durante o regime escravocrata neste país (N. da T.).

³ Variação de “mistress” característica da fala de negros do Sul dos Estados Unidos na época da escravidão. Da mesma forma que na nota anterior, essa expressão pode ser traduzida pela variação oral “sinhá” no português (N. da T.).

⁴ Foi opção da tradutora manter a versão em itálico de *plantation* e não oferecer a tradução de lavoura ou plantação em português. O termo em inglês, para além do significado original, tornou-se um conceito que conjuga o sistema agrícola característico da exploração colonial, baseado na monocultura em latifúndios, na exportação e na mão de obra escravizada (N. da T.).

eram tão valiosos para o mercado por algum outro motivo eram geralmente vendidos por \$100 ou menos em dinheiro vivo. E esse africano específico conseguiu sobreviver, depois se recuperou, e então colocou para seu senhor uma questão econômica. Seu senhor percebeu que ele era deficiente e que mancava por aí, mas que ainda conseguia fazer algum trabalho limitado. E o senhor decidiu que ele seria de mais valor na *plantation* do que se fosse vendido por menos de \$100. Foi assim que esse africano em particular permaneceu em uma *plantation* por um período relativamente longo.

Pois bem, isso ocorreu em um período em que, se havia alguma característica comum aos escravizados, era que eles não tinham o mínimo do que conhecemos, valorizamos e reverenciamos hoje como continuidade familiar. E a razão era simplesmente porque os escravizados eram vendidos e revendidos para cá e para lá com frequência. Era praxe que crianças escravizadas crescessem sem nenhum conhecimento de quem eram os seus pais, especialmente seus familiares masculinos. Esse africano, que foi mantido na *plantation* por decisão de seu dono, mancando e fazendo trabalhos limitados, finalmente conheceu e tomou como mulher outra escravizada naquela *plantation*, e seu nome (nas histórias contadas por minha avó e as outras mulheres na varanda da frente em Henning) era Bell, a cozinheira da casa-grande. E, dessa união, nasceu uma menina que foi nomeada Kizzy. Quando Kizzy tinha mais ou menos quatro ou cinco anos, esse africano tomava a menina pela mão, levava-a para passear, apontava a ela vários objetos naturais e ensinava a ela o nome para aquelas coisas – árvore, pedra, vaca, céu e assim por diante. As palavras que ele ensinou à menina eram instintivamente em sua própria língua materna e eram sons fonéticos estranhos a ela que, com o tempo e ouvindo repetidamente, conseguiu reproduzir. Ele apontava para um violão e fazia um único som, como se fosse escrito *ko*. E ela, com o tempo, aprendeu que *ko* era violão para ele. Havia outros sons estranhos para outros objetos. Talvez o mais envolvente deles fosse o rio e, sempre que esse africano apontava para o rio, ele dizia “*Kamby Bolongo*”. E sua filha Kizzy, com o tempo, aprendeu que *Kamby Bolongo*, em seus termos, era rio.

Outra característica desse africano comum a todos os negros vindos a este país era que quem o comprasse do navio negreiro, ao chegar na *plantation*, poderia dar a ele um nome anglicizado como uma de suas primeiras ações. Para todos os propósitos práticos, esse era o primeiro passo da desumanização psíquica do indivíduo ou, coletivamente, do povo. No caso desse africano em especial, seu senhor deu a ele o nome de Toby. Mas sempre que outro escravizado adulto se referia a ele como Toby, esse africano respondia incansavelmente, rejeitava e insistia que seu nome era “*Kin-tay*”, um som incisivo e rígido com duas sílabas, e que a pequena Kizzy, com o tempo, aprendeu que era o nome que seu pai dizia que era o seu.

Havia ainda outro traço desse africano que também era característico ao passado de todos os de origem africana: eles tinham sido trazidos de um lugar onde se falava uma outra língua e tinham sido trazidos para este lugar onde era necessário aprender inglês por uma questão puramente de sobrevivência. Gradualmente, e de forma hesitante, todos aqueles africanos aprenderam uma palavra aqui, uma frase ali, de uma

nova língua – o inglês. Quando esse processo começou a ocorrer com esse africano e ele conseguiu se expressar de forma mais detalhada, começou a contar para sua pequena filha Kizzy curtas histórias sobre si. Ele contou a ela, por exemplo, como tinha sido capturado. Ele disse que não estava tão distante da aldeia cortando lenha para fazer um tambor para si, quando foi atacado por quatro homens, dominado e escravizado. E ela, com o tempo, soube como ele estava cortando lenha quando foi capturado, além de várias outras histórias.

Para sintetizar os acontecimentos da década seguinte, a menina Kizzy permaneceu na *plantation* no condado de Spotsylvania junto com seu pai, que tinha vindo diretamente de África, e suas histórias, até que ela tivesse um repertório considerável de conhecimento sobre ele, que ele mesmo tinha contado. Quando a menina Kizzy fez 16 anos, ela foi vendida a um novo senhor cujo nome era Tom Lea, dono de uma *plantation* muito menor na Carolina do Norte. Foi nessa *plantation* que, depois de um tempo, a menina Kizzy pariu o seu primeiro filho, um menino chamado George. O pai era o novo dono de Kizzy, Tom Lea. Quando George tinha em torno de quatro ou cinco anos, era a sua mãe quem lhe contava as histórias que tinha ouvido do pai dela. E o menino pôde conhecer um fenômeno comum, a que, no entanto, crianças escravizadas raramente tinham acesso, que era saber quem eram seus pais, quanto mais seus avós. Ele tinha algo que o tornava bastante singular. E foi assim que, com um orgulho considerável, o menino começou a contar a seus colegas a história de seu avô; esse africano que dizia que seu nome era *Kin-tay*, que chamava o rio de *Kamby Bolongo*, chamava o violão de *ko*, associava outros sons a outras coisas e contava que ele estava cortando lenha quando tinha sido atacado, capturado e escravizado.

Quando estava perto dos seus doze anos, o menino George tornou-se aprendiz de um escravizado mais velho para aprender a cuidar dos galos de briga do senhor. O menino tinha uma habilidade natural, um dom para ser galista. Quando alcançou a adolescência (por conta de sua fama local e regional como um feitor e galista experiente), já era chamado pelo apelido que ele levou, décadas depois, ao túmulo – Chicken George.

Quando Chicken George tinha em torno de 18 anos, ele conheceu e tomou como mulher uma jovem escravizada. O nome dela era Matilda e, ao longo dos anos, Matilda deu à luz sete crianças. Então, pela primeira vez, a história que tinha começado com esse africano começou a se dispersar na amplitude de uma família. As histórias, como seriam contadas na varanda da frente em Henning por minha avó e pelas outras, eram sobre as noites de inverno depois da colheita, quando as famílias se reuniam, os mais velhos falavam e os mais novos ouviam. Pois, Chicken George se sentava junto com seus sete filhos ao redor do fogo. O relato conta que eles assavam batatas doces nas brasas e, noite após noite após noite, nos invernos, Chicken George contava aos seus sete filhos uma história incomum entre escravizados, o conhecimento direto de um bisavô; do mesmo africano que falava que seu nome era *Kin-tay*, que chamava o rio de *Kamby Bolongo*, o violão de *ko*, e que contava que ele estava cortando lenha quando

tinha sido capturado.

Essas crianças cresceram, encontraram parceiros e tiveram filhos. Um deles recebeu o nome de Tom. E Tom tornou-se aprendiz de ferreiro. Foi vendido em sua adolescência a um homem chamado Murray, que tinha uma *plantation* de tabaco no condado de Alamance, na Carolina do Norte. E foi nesse lugar que Tom, que tinha se tornado o ferreiro da *plantation*, conheceu e tomou como mulher uma jovem escravizada chamada Irene, a tecelã da *plantation*. E Irene também deu à luz, ao longo dos anos, a sete crianças. Pois, tratava-se de outra geração, outra parte do estado da Carolina do Norte e outro grupo de sete crianças que se sentavam ao redor de outra fogueira nas noites de inverno com batatas doces entre as brasas. E agora Tom era o pai contando aos seus filhos sobre algo raríssimo na consciência de escravizados, conhecimento direto de um tataravô, esse mesmo africano que falava que seu nome era *Kin-tay*, que chamava o rio de *Kamby Bolongo*, que contava que ele estava cortando lenha quando tinha sido capturado e outros retalhos de história que tinham sido passadas assim de geração em geração.

Desse segundo conjunto de sete filhos no condado de Alamance, na Carolina do Norte, a mais nova era uma pequena menina cujo nome era Cynthia, e Cynthia era minha avó por parte de mãe. Cresci em sua casa em Henning, Tennessee, e foi minha avó quem me impregnou com essa história como se fosse o líquido da placenta. Por conta da improbabilidade, tratava-se da coisa mais preciosa de sua vida – a história de uma família que tinha sido passada por gerações e remontava àquele africano original.

Eu morei na casa da minha avó até a adolescência. A essa altura, eu já tinha dois irmãos mais novos, George e Julius. Nosso pai era professor em *land-grant colleges*⁵ de maioria negra no Sul do país, e nós passamos a nos mudar para onde ele era transferido. E, assim, cursei dois anos de faculdade. Quando a Segunda Guerra Mundial veio, fui um dos que acreditou que, se eu conseguisse me apressar e ingressar em uma instituição de que eu tinha ouvido falar e que se chamava Guarda Costeira dos Estados Unidos, que talvez eu conseguisse passar a guerra percorrendo a costa. Entrei no serviço e, para o meu grande espanto, me vi logo em uma embarcação de munição no sudoeste do Pacífico, o que eu sequer tinha imaginado. Agora, no entanto, quando relembro o meu passado, esse foi o primeiro de uma série de acontecimentos que pareciam ser coincidências, mas que agora parecem parte de uma sequência de fatos simplesmente destinados a acontecer para que um certo livro fosse possível com o tempo. Na embarcação da Guarda Costeira, totalmente por acidente, eu tropecei no longo percurso para me tornar um escritor. Era algo com que eu nunca tinha sonhado.

Tornei-me escritor em um momento em que, se você era negro e ingressava nos serviços marítimos, você automaticamente entrava no que era chamado de

⁵ Instituições de ensino superior técnico, cuja maioria é pública, erigidas em terrenos cedidos pelo governo federal dos Estados Unidos (N. da T.).

departamento do camareiro. Primeiro, você era um *mess boy*, o que significava que você teria que engraxar sapatos e servir de garçom nas mesas, limpar banheiros, fazer a cama, tarefas desse tipo. E se você cumprisse com essas obrigações bem o suficiente e por um tempo, você poderia ser promovido ao posto de cozinheiro. Tornei-me cozinheiro nessa embarcação de munição no sudoeste do Pacífico. Meu bem mais valioso era uma máquina de escrever portátil. Todas as noites, quando eu terminava de lavar os tachos e as panelas, eu descia até o porão do navio e escrevia cartas para todos que eu conseguia lembrar – ex-colegas de escola, amigos, até professores, qualquer pessoa em que eu conseguia pensar. Outros navios levavam a correspondência para a costa.

Em mar aberto como estávamos, tão longe de casa e por tanto tempo (às vezes dois, três meses antes de chegar em terra firme em lugares como a Austrália e a Nova Zelândia), o recebimento de correspondência era um evento muito especial para nós. E, quando estava num ritmo bom, eu recebia em média de 30 a 40 cartas em cada entrega de correspondência. E as notícias circulam rápido nas embarcações, de repente todos os tripulantes sabiam que eu era o remetente e destinatário de cartas mais profícuo do navio.

Ao mesmo tempo, depois de ficar em mar aberto por dois ou três meses e finalmente poder passear em terra firme, na Austrália ou na Nova Zelândia, a mais alta prioridade era se apaixonar por alguém o mais rápido possível. E tentávamos ao máximo cumprir esse objetivo para depois voltar ao mar. Pois então, havia talvez uns cem jovens como eu na embarcação, por volta dos 17 anos, apaixonados por alguma menina que tinham deixado em terra firme. E as meninas parecem ficar mais bonitas na sua imaginação quanto mais tempo você passa no mar. Alguns de meus amigos, que não eram tão articulados no papel quanto verbalmente, começaram a me procurar e a sugerir, de maneira discreta, já que eu escrevia tantas cartas, que talvez eu pudesse ajudá-los a elaborar cartas para alguma menina. E comecei a fazer isso. Sentava-me na mesa de faxina com uma pilha de cartões 3x5. Meus clientes formavam uma fila, e eu entrevistava cada um deles. Perguntava “então, como ela é – o cabelo, os olhos, o nariz e o restante?”. E eles me contavam. E eu perguntava “o que você quer contar a ela, o que vocês fizeram, para onde foram, tem alguma coisa que você quer dizer no meio dos detalhes?”. E aí eu pegava cada cartão, anotava o nome dela e o nome dele e, depois, quando tinha um pouco de tempo, elaborava a carta para ele copiar em sua própria letra. Tratava-se de uma carta de amor bastante personalizada usando informações específicas sobre a menina.

As meninas na Austrália e na Nova Zelândia não estavam acostumadas com esse tipo de correspondência. E nunca me esquecerei de um dia e de uma noite que se provaram extremamente motivacionais e fundamentais no meu percurso para me tornar escritor por acidente. Tínhamos ficado em mar aberto por três meses e, durante esse tempo, tínhamos enviado três levadas de correspondências da embarcação, ou seja, cada uma das namoradas de meus clientes tinha recebido exatamente essa quantidade de cartas. Chegamos em Brisbane, na Austrália, em torno do meio-dia. Todos os que

tinham direito à folga correram para a costa assim que a permissão foi dada às 18h. Em torno da meia-noite, a maior parte deles voltou torto e cambaleando, tendo alcançado o máximo que consegui, que era ficar muito bêbado. E então foi quase como se alguém tivesse escrito um roteiro. Em torno de uma da manhã, meus “clientes” começaram a chegar, individualmente. Diante de uma plateia aumentando continuamente e mais e mais espantada, eles descreviam, da forma crua que só os marinheiros conseguem, como tiveram resultados incríveis quando se encontraram com a menina por trás das cartas, por vezes até no mesmo lugar. Virei o herói daquele navio naquela noite e, durante o resto da Segunda Guerra Mundial, nunca tive que lutar contra ninguém. Tudo o que eu fiz foi escrever cartas de amor.

Escrever cartas de amor me levou indiretamente a tentar escrever histórias de amor modernas e *true confessions*.⁶ Escrevia aquelas narrativas como se eu fosse uma jovem mulher contando que aquele bruto tinha feito isso, aquilo e aquilo outro comigo e que eu estava tentando resolver meus problemas. Eu enviava os manuscritos e eles voltavam a mim o mais rápido que o fluxo de correspondência de guerra permitia. Escrevi todos os dias, sete dias na semana, por oito anos, até o meu primeiro conto ser comprado por uma revista. E continuei no serviço, navegando, até que afinal fiz 37 anos, completei 20 anos de serviço e me aposentei. Desembarquei em São Francisco determinado, já que, até então, tinha vendido textos para as revistas *Atlantic Monthly*, *Harper's*, *Reader's Digest*, e um grande número de contos para publicações sobre aventuras para homens, principalmente aventuras marítimas, pois era esse o material disponível a mim. Eu estava decidido a ter uma carreira de jornalista *freelancer*. Meu primeiro trabalho foi uma reportagem para a revista *Reader's Digest* sobre o fenômeno crescente na época de *Nation of Islam*,⁷ ou informalmente, os muçulmanos negros. Então conheci Malcolm X, trabalhei com ele escrevendo aquela reportagem. Depois trabalhei com ele e com outro escritor em outra matéria para o jornal *Saturday Evening Post*, e nesse meio tempo também participei de outra série de entrevistas “*Playboy Interviews*”. A revista *Playboy* me perguntou se eu poderia entrevistar Malcolm X, e eu o fiz. São reportagens muito profundas e densas. Trabalhei com Malcolm muito, muito intensamente por cerca de três semanas. E então, quando a entrevista foi publicada, a editora Doubleday perguntou a Malcolm se estaria disposto a narrar sua vida de forma extensa e detalhada para um livro. Depois de algum tempo pensando, Malcolm finalmente concordou. E por eu ter sido o jornalista negro com o qual ele tinha trabalhado na maioria das matérias sobre ele mais significativas para revistas, ele me convidou para trabalhar com ele no livro. E, óbvio, fiquei muito feliz, honrado e lisonjeado por ser escolhido.

Eu morava num apartamento no bairro Greenwich Village, e Malcolm X, ao

⁶ Gênero popular de narrativas sensacionalistas geralmente escrito com narrador em primeira pessoa feminino (N. da T.).

⁷ Movimento que, em português, também é traduzido como Nação do Islã (N. da T.).

final dos seus dias extremamente cheios, vinha em torno das nove da noite e ficava até geralmente uma ou duas da manhã seguinte. E nos encontrávamos umas quatro vezes na semana. Em cada uma dessas noites eu o entrevistava, puxando cada fio da memória desse homem, cada trecho de tudo o que ele conseguia lembrar de toda a sua vida. E isso durou um ano inteiro. No final desse ano, eu tinha uma grande quantidade de anotações das suas memórias. Passei o segundo ano inteiro organizando essas anotações e tentando escrever como se fosse Malcolm, em primeira pessoa. Com todas as reescritas e rascunhos, esforcei-me para que soasse como se Malcolm X tivesse simplesmente se sentado e contado ao leitor, da sua memória, de suas primeiras memórias até aquele momento, a sua vida. Quando o manuscrito da *Autobiografia de Malcolm X* foi concluído, entrei em contato com Malcolm, nos encontramos em um hotel e ele leu o texto inteiro. Ainda consigo ver sua caneta vermelha, mudando o nome de alguém que ele não queria expor, e coisas desse tipo. E finalmente, quando chegou ao final, ele disse: “Irmão, eu não acredito que irei viver tempo suficiente para ver isso publicado. Por isso, eu queria ler de novo”. E ele passou três dias no Hilton Hotel de Nova Iorque relendo o manuscrito. E só depois, o texto foi enviado à editora.

Malcolm revelou-se muito profético, já que, apenas duas semanas depois, ele foi assassinado em uma tarde de domingo no teatro Audubon Ballroom. E por mais que Malcolm tivesse falado muito pragmaticamente sobre a iminência da morte violenta, para mim parecia impossível. Na manhã seguinte, sentei-me na frente da máquina de escrever, coloquei páginas em branco, e escrevi continuamente por talvez 30 ou 40 minutos. Parava, encarava a máquina e teclava de novo. Esse é o único texto que escrevi dessa forma na minha vida inteira. E nesses três dias, escrevi o que agora é publicado ao final do livro como “O epílogo”. Esse texto saiu de supetão a partir da recordação e da chance de ter conhecido e trabalhado com esse homem, com anedotas e percepções sobre ele. E então aquilo foi enviado à editora.

Pois bem, então um convite aconteceu, que agora, quando olho para trás, parece fazer parte de uma série de milagres que foram essenciais para eu elaborar esse livro que pretende ser o primeiro de seu tipo em relação à história negra, à herança negra, orgulho negro, negritude em geral. O primeiro fato que aconteceu nessa série de milagres foi que a revista *Playboy* me ligou e perguntou se eu iria até a Inglaterra entrevistar a atriz Julie Christie. Pois atravessei o Atlântico. Julie Christie estava fazendo um filme chamado *Far from the madding crowd*.⁸ O tempo estava horrível. Tiveram que mudar o *set* de filmagens de um lado da Inglaterra para o outro, e Julie Christie era tão travada que ela quase não falava com o diretor, imagina se iria falar com algum entrevistador que tinha vindo deste país. Tive que entrar em contato com a *Playboy* e contar a situação. E eles me enviaram um telegrama dizendo, “Como você já está aí, fique de prontidão e veja o que vai acontecer”. E foi assim que eu, que sempre

⁸ O longa-metragem saiu com o título em português de *Longe desse insensato mundo* (1967) (N. da T.).

tinha amado história e fui imerso em história pela minha avó e outros familiares desde pequeno, me vi em um dos lugares do mundo com mais história por metro quadrado do que provavelmente qualquer outro lugar que eu conhecia – Londres. Estava feliz da vida. Não havia um guia de turismo em Londres com quem eu não tivesse agendado um horário nos dias seguintes.

Numa manhã, estava visitando o British Museum e me deparei com algo de que já tinha ouvido falar vagamente, a Pedra de Roseta. Ela simplesmente me enfeitiçou. Li a respeito e descobri que essa pedra foi encontrada em 1799. Ela parecia ter três conjuntos de textos talhados nela: um, em alfabeto grego, que os estudiosos de grego conseguiram ler, o segundo era em um alfabeto desconhecido na época e o terceiro trazia hieróglifos antigos, que, se pensava, ninguém conseguiria traduzir. Pois, li como um intelectual francês, Jean Champollion, apareceu e tomou o segundo conjunto de alfabeto, caractere por caractere, comparou com o grego e finalmente apresentou uma hipótese que ele conseguiu provar – de que o texto era o mesmo do escrito em grego. E então, em uma proeza sobre-humana de inteligência, ele pegou os caracteres absurdamente detalhados dos hieróglifos e comparou com os outros dois conjuntos de texto em quase uma progressão geométrica, e provou que aquilo era também o mesmo texto. Foi isso que desvendou, para os intelectuais, tudo o que tinha sido um mistério até então, os hieróglifos supostamente indecifráveis.

Isso me fascinou. E, durante meus passeios por Londres, fazendo todo o tipo de coisas, de repente via, como se projetado na minha cabeça, a Pedra de Roseta. Para mim, ela tinha um significado especial, mas não tinha ideia do que poderia ser. Enfim estava eu no avião para voltar a este país quando a epifania veio com força. Era bruta, crua, mas me fez pensar. Pois bem, o material de trabalho desse intelectual era uma língua talhada em pedra. E o que ele fez foi apurar o que era desconhecido e justapor com o que já era conhecido, e assim conseguiu chegar ao significado daquilo que tinha permanecido oculto até então. Comecei a traçar uma analogia; aquela história que sempre tinha sido contada na minha família e que eu tinha ouvido na varanda da frente em Henning. A parte desconhecida era aqueles sons fonéticos misteriosos. Isso me fez pensar que talvez eu conseguisse descobrir de onde esses sons estranhos tinham vindo. Obviamente, aqueles sons estranhos eram partes de alguma língua africana. E meu objetivo era descobrir, só por curiosidade, de que língua eram. Parecia óbvio para mim que o que eu tinha que fazer era entrar em contato com um conjunto mais amplo de africanos o possível, simplesmente porque havia muitas, muitas línguas faladas em África. Como morava em Nova Iorque, fiz o que me pareceu lógico. Comecei a ir para a entrada da ONU [Organização das Nações Unidas]. Não era difícil descobrir os africanos, e toda vez que conseguia, eu parava um. Reproduzia para ele meus pequenos sons. Em algumas semanas, consegui conversar com algumas dúzias de africanos, todos eles me olhavam, me ouviam e iam embora. O que eu entendo bem; eu, com um sotaque carregado de Tennessee tentando reproduzir sons africanos, nunca iria conseguir.

Tenho um amigo, George Sims, que, na época, era um pesquisador mestrando e sabia o que eu estava tentando fazer. Ele me deu uma lista de uma dúzia de pessoas reconhecidas por seus conhecimentos de linguística africana. Um que me chamou atenção já de primeira não era nem africano, mas belga. Tendo estudado na Inglaterra, principalmente na School of Oriental and African Studies (SOAS),⁹ ele começou o seu trabalho de campo em aldeias africanas, estudando a língua ou o dialeto que se falava. Além disso, tinha escrito um livro com o título francês *La tradition orale*. Seu nome era: Dr. Jan Vansina, da Universidade de Wisconsin. Eu telefonei para o Dr. Vansina. Muito generosamente ele disse que eu poderia visitá-lo. Peguei um avião e fui para a cidade de Madison, em Wisconsin, sem nem sonhar o que iria acontecer. Naquela noite, na sala de estar da família Vansina, eu contei absolutamente tudo o que eu conseguia lembrar do que eu tinha ouvido quando menino na varanda da frente em Henning. E dr. Vansina escutou com muita atenção. E então ele começou a me fazer perguntas. Sendo um especialista, ele ficou especialmente interessado na transmissão física pelas gerações. E respondi tudo o que consegui. Não consegui responder a maior parte das perguntas. Por volta de meia noite, dr. Vansina perguntou: “Você gostaria de passar a noite na nossa casa?” e eu fiquei. Na manhã seguinte, antes do café, dr. Vansina apareceu com uma expressão facial muito séria; depois acabei sabendo que ele já tinha telefonado para seus colegas, e me contou: “As consequências do que você me trouxe podem ser enormes”. Ele e seus colegas tinham quase certeza de que aqueles sons coletivos que eu consegui trazer até lá, que tinham sido transmitidos na família da forma que eu tinha descrito a ele, eram a língua Mandinka. Eu nunca tinha ouvido aquela palavra. Ele contou-me que se tratava da língua falada pelo povo mandingo. E começou a arriscar a tradução de certos sons. Havia um som que provavelmente significava vaca ou gado; outro provavelmente era a árvore baobá, muito comum na África Ocidental. Eu tinha contado a ele que, desde que tinha apenas meio metro de altura, eu tinha ouvido que esse africano apontava para um violão e falava *ko*. Então, ele me contou que tinha quase certeza de que se referia a um dos instrumentos de corda mais antigos do povo mandingo, um instrumento feito de cabaça coberta com couro de cabra, com um braço comprido, 21 cordas e chamado de *kora*. Ao final, ele falou do mais significativo dos sons que eu tinha ouvido e trazido a ele – *Kamby Bolongo*. Ele falou que, sem sombra de dúvidas, *bolongo* era rio em Mandinka; precedido por *Kamby*, provavelmente seria o rio Gâmbia. Eu nunca tinha ouvido falar daquele rio.

Era uma quinta-feira de manhã quando eu ouvi essas palavras; na segunda-feira de manhã eu estava em África. Simplesmente tive que ir. Não havia motivo para esperar. Na sexta, eu tinha descoberto que, dos muitos estudantes africanos neste país, alguns poucos eram daquele país muito, muito pequeno chamado Gâmbia. E o que estava

⁹ Faculdade que faz parte da University of London e que se especializa em estudos orientais e africanos (N. da T.).

geograficamente mais perto de mim era um estudante da faculdade Hamilton College, em Clinton, Nova Iorque. Cheguei naquele *campus* por volta de 15:30h na sexta-feira de tarde e praticamente raptei Ebou Manga de uma aula de economia e nos coloquei em um voo Pan American naquela mesma noite. Voamos durante a noite para Dakar, Senegal, e, de lá, pegamos um teco-teco que decolou numa pequena pista chamada Yundum – literalmente tiveram que espantar os macacos da pista para abrir caminho para o pequeno avião. E então pegamos uma van e fomos para a pequena cidade de Bathurst, a capital de Gâmbia. Ebou Manga e seu pai Alhaji Manga (a cultura local é predominantemente muçulmana), reuniram um grupo de aproximadamente oitenta homens, membros de governo, que vieram ao pátio do Atlantic Hotel, e se sentaram em quase um semicírculo enquanto eu contava a história que tinha sido transmitida na minha família até a minha avó e até mim; contei tudo o que eu consegui lembrar.

Quando terminei, os africanos me tiraram do sério, porque encararam *Kamby Bolongo*, os sons que tinham me trazido especificamente a eles, como se fossem óbvios. Eles comentaram “Mas é claro que *Kamby Bolongo* é o rio Gâmbia; qualquer um saberia disso”. Foi um outro som que chamou a atenção deles: as duas sílabas que eu reproduzi sem qualquer compreensão de que traziam significado. Eles falaram: “Pode haver sim um sentido no que seu antepassado disse ser seu nome, *Kin-tay*”. Respondi: “Pois bem, não havia nada mais explícito na história do que a pronúncia do seu nome, *Kin-tay*”. Eles disseram: “Nossas aldeias costumam ser nomeadas em honra das famílias que as fundaram séculos atrás”. Então mandaram trazer um mapa e apontaram: “Olha, aqui é a aldeia de Kinte-Kundah. E não muito distante fica a aldeia de Kinte-Kundah-Janneh-Ya”. Em seguida me contaram algo que eu nem imaginava que havia no mundo. Disseram que no interior, e especialmente nas aldeias do interior, havia senhores chamados *griots*, que são, de fato, arquivos vivos de história oral. Eles são homens velhos que, desde suas adolescências, integravam uma linhagem de homens que reproduziam as histórias como eram contadas no tempo de seus ancestrais, literalmente através de séculos. O *griot* titular seria um homem, geralmente com sessenta quase setenta anos, e sob ele havia homens em intervalos de décadas, com sessenta, cinquenta, quarenta, trinta, vinte anos e um adolescente. Cada linhagem de *griots* era especializada na história da família principal do clã; outra linhagem de *griots*, outro clã; e assim por diante para cada clã importante. Outro conjunto de *griots* seria especializado na história de um grupo de aldeias. Outro seria focado na história dos impérios precedentes, e assim por diante. E as histórias eram contadas numa narrativa de história oral, não exatamente palavra por palavra, mas da mesma forma essencial que tinham sido contadas durante todo o tempo desde seus antepassados. E o treinamento incluía a exposição do menino adolescente àquela história por quarenta, cinquenta anos antes de ele se tornar o *griot* em exercício.

Impressiona-nos imaginar que homens como esse, não só em África mas em outras culturas, podem literalmente falar por dias, contando a história e nunca se repetindo, e descrevendo os detalhes da maneira mais esmiuçada possível. A razão para

isso nos deslumbrar é que em nossa cultura somos tão condicionados à rapidez do fluxo de informações que a maioria das pessoas quase se esqueceu do que a memória humana é capaz se treinada para reter dados. Esses homens, disseram-me, ficavam no interior. E contaram-me que, como meu antepassado tinha dito que seu nome era *Kin-tay*, eles veriam o que poderiam fazer para me ajudar.

Voltei a este país extremamente deslumbrado. Não sabia o que fazer. Até me envergonha assumir que, até aquele momento, eu não tinha realmente pensado muito a respeito de África. Sabia onde ficava e acreditava nos clichês, na África de Tarzan e em coisas do tipo. Pois bem, foi quase como se um fanatismo religioso tivesse me possuído. Eu realmente comecei a consumir tudo o que eu conseguia acessar sobre África, especialmente a escravidão. Consigo lembrar-me de como, depois de ler o dia inteiro, eu me sentava na beira da cama com um mapa de África, estudando a localização dos países, um em relação com o outro.

Mais ou menos seis semanas depois, uma carta, que parecia inofensiva, chegou a mim e ela dizia que eu deveria voltar assim que possível. Retornei o mais rápido que pude. Os mesmos homens com quem tinha conversado de forma bem objetiva, me contaram que procuraram no interior e que havia de fato um *griot* do clã Kinte. Seu nome, eles disseram, era Kebba Kanga Fofana. Quando ouvi que ele existia, quase entrei em crise. Onde ele estava? Presumi, por conta da minha experiência como jornalista de revistas estadunidenses, que o governo teria trazido ele junto com um funcionário de relações públicas para conversar comigo. E me encararam estranho e responderam que ele estava em sua aldeia.

Entendi naquele momento que, se eu quisesse conhecer esse homem, teria que fazer algo com que eu nunca tinha sonhado: teria que organizar uma expedição. Precisei de três dias para alugar uma lancha para subir o rio, um caminhão, Land Rover para levar os suprimentos por um caminho paralelo, contratar um total de 14 pessoas, incluindo três tradutores, quatro músicos (me contaram que no interior os *griots* não falavam sem música ao fundo), transportadores e assim por diante. No quarto dia, subimos o rio Gâmbia sacolejando na lancha. Eu estava extremamente desconfortável. Sentia-me como um extraterrestre. Ficava me perguntando como eles me viam, como outro daqueles ocidentais com roupas de safari? Navegamos pelo rio e chegamos a uma pequena aldeia chamada Albreda, na margem esquerda. E então seguimos por terra. Continuamos nossa viagem a pé em direção ao nosso destino, uma aldeia chamada Juffure, onde esse homem morava.

Há uma expressão que diz “the peak experience”, ou experiência auge. É aquilo que nada em nossa vida poderá jamais superar emocionalmente. E eu sei que vivi a minha no primeiro dia no interior da África Ocidental negra. Quando alcançamos a aldeia Juffure, as crianças que impreterivelmente brincavam ao redor de todas as aldeias africanas, entraram para avisar e as pessoas começaram a sair de suas casas. Tratava-se de uma aldeia bem pequena, com mais ou menos 70 pessoas. E as aldeias no interior são muito parecidas hoje em dia com o que eram há duzentos anos, cabanas circulares feitas

de barro e com telhados cônicos de palha de sapé. De longe, consegui ver um homem pequeno com um chapéu barrete e uma toga bege, e, mesmo à distância, ele passava uma sensação de ser alguém importante. Eu já sabia que esse era o homem que a gente tinha vindo ver. Quando chegamos mais perto, os tradutores se afastaram do nosso grupo e andaram direto em sua direção. Eu, sem saber, comecei a viver uma série de eventos emocionantes que sempre tenho dificuldade de descrever, simplesmente porque eu nunca consegui expressar verbalmente a força, a força física de acontecimentos emocionais.

As pessoas rapidamente se aproximaram de mim em um formato parecido com uma ferradura, a base sendo eu. Se tivesse estendido as mãos, eu teria encostado nas pessoas mais próximas dos dois lados. Havia mais ou menos três ou quatro fileiras em todos os lados. E a primeira coisa que me impressionou foi a intensidade dos olhares que eles direcionavam a mim. Os olhos simplesmente penetravam. As testas tendiam para frente na intensidade. E foi uma sensação desconfortável. Enquanto isso estava acontecendo, comecei a perceber que crescia em mim um sentimento carregado, remexendo. Tive uma sensação inquietante de que eu sabia dentro de mim a razão disso estar acontecendo e do que se tratava, mas conscientemente não conseguia identificar o que tinha me deixado tão abalado. Depois de um tempo, comecei a entender: foi como um vendaval que não conseguimos ver, mas que chega e nos derruba – bum! Era tão forte a ponto de me jogar no chão. De repente entendi que o que tinha me abalado tanto era que eu estava diante de uma multidão de pessoas e, pela primeira vez na minha vida, todas elas eram negras como a noite. E eu estava lá, deslumbrado por isso e, como costumamos fazer quando estamos desconfortáveis, abaixei o olhar. Lembro de abaixar o olhar, e minha vista focar na minha mão, na minha própria cor em relação à cor deles. Então veio ainda outro vendaval que me atingiu talvez até mais intensamente do que o primeiro. Um sentimento de culpa, de ser na verdade um mestiço, a sensação de ser o impuro no meio dos puros.

E o ancião de repente deixou os tradutores, andou para longe, a multidão rapidamente saiu do meu entorno e foi de encontro a ele. Começaram a falar de forma entusiasmada e aguda, metálica na língua Mandinka. Um dos tradutores, cujo nome era A. B. C. Salla, cochichou no meu ouvido e o sentido do que ele me disse provavelmente me desestruturou tanto quanto todo o resto junto. Ele disse: “Estão te olhando porque nunca viram um negro americano”. O que me comoveu foi que eles não estavam vendo Alex Haley, escritor, eles não sabiam quem ele era, não ligavam. Mas me viam como um símbolo dos 25 milhões de nós aqui que eles nunca tinham visto. E foi apenas inconcebível perceber que alguém tinha me vestido com esse tipo de simbolismo. Há uma língua que é universal. Trata-se da língua de gestos, de barulhos, de tom, expressões. De alguma forma, ao olhar para eles, os ouvir, apesar de não entender nenhuma sílaba, eu sabia do que falavam. De alguma forma, entendi que estavam tentando chegar a um consenso de como me percebiam como símbolo de todos os milhões de nós aqui que eles nunca tinham visto. Em algum momento, o ancião virou. Andou por entre as

peessoas, passou os três tradutores e veio diretamente a mim, encontrou meus olhos de forma incisiva e falou em Mandinka, como se instintivamente ele tivesse sentido que eu conseguiria entender. E a tradução chegou do lado. A forma como eles me percebiam coletivamente, o símbolo de todos os milhões de negros aqui que eles não conheciam, era: “Sim, nossos antepassados nos contaram que há muitos de nós daqui que estão em exílio nesse lugar que chamam de América e em outros lugares”. E foi assim que eles me viam.

O ancião, o *griot*, Kebba Kanga Fofana, com 73 chuvas de idade (o modo de marcarem 73 anos, uma estação de chuvas por ano), começou a me contar a história ancestral do clã Kinte como tinha sido contada em todos os séculos, desde o tempo dos antepassados. Era como se um papiro estivesse sendo lido. Não era a língua como falamos. Tratava-se de uma ocasião muito formal. As pessoas se silenciaram, sérias. O ancião sentou-se em uma cadeira e, quando falava, ele se projetava para frente, seu corpo ficava rígido, as veias em seu pescoço saltavam e ele pronunciava palavras como se elas fossem objetos físicos saindo de sua boca. Ele falava mais ou menos uma frase, e seu corpo murchava, relaxava, e a tradução chegava. De dentro da cabeça desse homem brotaram detalhes de linhagem incríveis de se contemplar. Dois, três séculos atrás. Quem se casou com quem, quem teve que crianças, quais crianças casaram-se com quais, e seus filhos, e assim por diante, simplesmente inacreditável. Fiquei deslumbrado não só com a quantidade de detalhes, mas também com a forma bíblica que eles traziam. Seria algo como: “então fulano de tal tomou como mulher fulana de tal, e gerou um herdeiro e gerou um herdeiro e gerou um herdeiro”, e ele nomeava os companheiros e as crianças, e assim por diante. Quando datava eventos, ele não mencionava datas de calendário, mas localizava com eventos físicos, como “no ano das grandes águas, ele abateu um búfalo”, o ano das grandes águas tinha sido um período de enchentes. E se você quisesse saber a data de calendário, você teria que pesquisar quando aquela enchente tinha ocorrido.

Posso condensar as horas que passei ouvindo a história do clã Kinte (meu antepassado tinha dito que seu nome era *Kin-tay*), a sua linhagem essencial, deixando de lado os detalhes a respeito dos irmãos, primos e outros casamentos. O *griot* Kebba Kanga Fofana disse que a origem do clã Kinte vinha de um país chamado o Antigo Mali. Segundo a tradição, os homens Kinte eram ferreiros que dominavam o fogo. As mulheres eram oleiras e tecelãs. Uma parte do clã tinha migrado para o país da Mauritània. Foi de lá que um descendente do clã, cujo nome era Kairaba Kunta Kinte (ele era um *marabuto*, o que significa que era um homem sagrado na fé muçulmana), veio então para o país chamado Gâmbia. Primeiro, foi a uma aldeia chamada Pakali n’Ding. Permaneceu no local por um período. Depois, foi a uma aldeia chamada Jiffarong; e, em seguida, foi para uma aldeia chamada Juffure. Na aldeia de Juffure, o jovem *marabuto* Kairaba Kunta Kinte casou-se com sua primeira esposa, uma jovem Mandinka, cujo nome era Sireng. E, com ela, gerou dois filhos, cujos nomes eram Janneh e Saloum. Então, casou-se com sua segunda esposa; seu nome, Yaisa. E

Yaisa pariu um filho, chamado Omoro. Esses três filhos permaneceram na aldeia de Juffure até alcançar a maioridade. Os dois mais velhos, Janneh e Saloum, partiram e deram início a uma outra aldeia chamada Kinte-Kundah Janneh-Ya. Ela existe até hoje. Traduzido literalmente, significa “A casa de Janneh Kinte”. O filho mais jovem, Omoro, permaneceu na aldeia até completar 30 chuvas, e então casou-se com uma jovem Mandinka, com nome de Binta Kebba. Por volta de 1750 e 1760, Omoro Kinte teve com Binta Kebba quatro filhos, cujos nomes eram Kunta, Lamin, Suwadu e Madi.

Até chegar a essa geração da família, o *griot* tinha falado por provavelmente cinco horas. Ele parou talvez umas 50 vezes e as traduções chegaram a mim. E então uma tradução chegou como todas as outras tinham vindo, calmamente, e ela começou: “Por volta do tempo em que os soldados do rei vieram”. Essa era uma das referências temporais. Mais tarde, na Inglaterra, nos arquivos do Parlamento Britânico, fui pesquisar do que ele estava falando, porque eu tinha de encontrar essa data de calendário. Mas antes, no interior de África, o ancião Kebba Kanga Fofana, o *griot*, contava a narrativa como tinha sido transmitida por séculos desde o tempo dos antepassados do clã Kinte. “Por volta do tempo em que os soldados do rei vieram, o mais velho desses quatro filhos, Kunta, afastou-se da aldeia para cortar lenha e nunca mais foi visto”. E ele continuou sua história.

Permaneci imóvel como se tivesse sido talhado de pedra. Fiquei todo arrepiado. Ele não tinha como saber que tinha me contado algo condizente com o que eu tinha ouvido na varanda da frente em Henning, Tennessee, de minha avó, da prima Georgia, da tia Liz, da prima Plus e de todas as outras senhoras que se sentavam nas cadeiras de balanço. Consegui me recompor o suficiente para pegar meu caderno em que estava anotado tudo o que minha avó sempre contava. Chamei o tradutor Salla e mostrei a ele. Ele ficou muito inquieto, foi ao ancião, e o ancião, por sua vez, ficou muito inquieto, e o ancião foi ao povo e eles ficaram muito inquietos.

Não me lembro exatamente de como aconteceu. Não me lembro de ninguém dando uma ordem, mas essas 70 pessoas formaram um círculo em torno de mim, girando na direção anti-horária, entoando uma cantiga de forma forte, depois suave, forte, suave, seus corpos muito próximos, a ação física era como a coreografia de majorettes de baterias,¹⁰ com seus joelhos altos. Parecia que eles eram uma só onda de pessoas se movendo. Eu estava em pé no meio, como Adão no deserto. Não sei como me senti; como você poderia se sentir no meio disso? E me lembro de olhar para a primeira mulher que rompeu o círculo (havia mais ou menos uma dúzia de mulheres com bebês presos às suas costas), e ela, com sua face retinta franzida, saiu da roda, seus pés descalços batendo na terra dura, veio rápido em minha direção. Pegou seu bebê e praticamente o ofereceu a mim. O gesto dizia “Pegue-o!” e eu peguei o bebê,

¹⁰ Dança coreografada geralmente performada por jovens mulheres uniformizadas utilizando um bastão (N. da T.).

tomei ele no colo, e, em seguida, ela o pegou de volta enquanto vinha uma outra mulher, outro bebê. Acho que peguei perto de uma dúzia de bebês no colo em mais ou menos 2 minutos. Quase 2 anos depois, em Harvard, dr. Jerome Bruner me contou: você participou de uma das mais antigas cerimônias da espécie humana, chamada “a imposição de mãos”; que era o modo de eles falarem a você “por meio dessa carne, que é nossa, nós somos você e você é nós”. Muitas, muitas outras coisas aconteceram naquela aldeia naquele dia, mas fiquei especialmente deslumbrado com a grandiosidade de eles lidando comigo e me vendo como um símbolo dos 25 milhões de nós, negros, neste país que eles jamais tinham visto. Eles me acolheram em sua mesquita. Oraram em árabe, o que não consegui entender. Mais tarde, traduziram a parte central da oração para mim: “Louvado seja Allah por ter trazido um de nós que estava há muito tempo perdido”. Era assim que eles enxergavam tudo isso.

Quando chegou o momento da partida, eu queria retornar por terra, já que tínhamos vindo pelo rio. Meus cinco sentidos tinham ficado mudos, truncados. Eles não estavam funcionando direito. Se quisesse sentir alguma coisa, eu tinha que me esforçar para registrar a sensação. Tudo estava turvo. Não escutava bem. Percebia aos poucos que o motorista, que estava sentado ao meu lado, gritava alguma coisa e eu simplesmente não o tinha ouvido até aquele momento. Enquanto a gente estava na estrada do interior, ouvindo tambores de vez em quando à distância, era quase como se um filme estivesse sendo projetado na minha cabeça, numa tela crua, com falhas, desfocado. Uma narrativa do que eu tinha estudado tanto, tanto: a história de nós como um povo, a forma como ancestralmente nós, que estamos aqui neste país, fomos trazidos de África.

Predomina a ideia de que a maioria dos escravizados foi trazida da costa de África. Não é verdade. A população da costa africana nunca conseguiria satisfazer o saque voraz de dois séculos de escravidão. De longe, a maior parte de nós veio dessas aldeias de interior. E o filme que passou na minha cabeça mostrava o que eu tinha lido tantas e tantas vezes, tantos e tantos relatos. Que as pessoas acordavam gritando à noite nas aldeias com os telhados de sapé pegando fogo e desabando. Elas corriam na escuridão direto para a armadilha dos que tinham ateado fogo nas casas. O efeito surpresa e as armas estavam de um lado e o massacre era rápido. Os sobreviventes, aqueles que estavam relativamente inteiros, eram acorrentados pelo pescoço em filas que eram chamadas *coffles*. Dizem que algumas dessas filas indianas tinham extensão de uma milha. Em seguida, vinha a caminhada terrível até a costa, onde se encontravam os navios. Muitos, muitos morriam de forma horrenda no caminho, ou eram deixados para morrer quando estavam fracos demais para continuar. E, finalmente, aqueles que sobreviviam, chegavam ao litoral e, nas praias, eram mantidos em barracões de bambu, presos uns aos outros com correntes. E era ali que eles ficavam, descansavam, eram lavados e alimentados melhor por um período, besuntados em óleo, suas cabeças eram raspadas, entre outros processos. Quando se avaliava que estavam em condições boas o suficiente, eles eram levados para o pequeno gramado em frente para serem avaliados

por aqueles que vinham dos navios para comprá-los. Aqueles que finalmente eram selecionados para a compra, depois das inspeções mais inacreditáveis de cada orifício do corpo humano, eram marcados a fogo e levados aos navios.

Pareceu a mim, percorrendo esse mesmo percurso, que os africanos, até aquele momento, ainda não sabiam do horror que iria cometê-los. E a razão era que havia, até então, precedente para tudo o que tinha acontecido. Crueldade não era nada de novo para eles. Os africanos eram terrivelmente cruéis com outros africanos. Escravidão, enquanto tal, não era nada de novo. Mais de metade da população em África era escravo de outro africano. A diferença era que não havia o conceito em África do que o tipo ocidental de escravidão seria. Escravidão em África pode ser comparado ao que chamamos de *sharecropping*.¹¹ Parece a mim que apenas quando eram levados do barracão, marcados a fogo, atravessavam aquela faixa de areia de praia e viam pela primeira vez as canoas na beira da água e, ao fundo no mar, aqueles volumes grandes que pensavam ser casas voadoras. Eu tinha lido e naquele momento estava vendo no filme que passava na minha cabeça, como os africanos que eram transportados na praia berravam, entravam em crises de gritaria, se atiravam no chão, enfiando as mãos o mais fundo possível, com suas caras na areia, engolindo quantidades enormes e asfixiantes de areia, tentando pela última vez se ater ao chão que tinha sido seu lar. E eles eram espancados, puxados, levados para as canoas e então eram levados aos porões dos navios que eram completamente inenarráveis. Era desse modo que cada um de nossos antepassados veio para cá, sem qualquer exceção. E eu estava impregnado com isso.

Quando chegamos à primeira aldeia, percebi espantadíssimo que os tambores que estava escutando ao longe eram os tambores falantes que ainda são tocados no interior de África. Eles contavam o que tinha ocorrido lá atrás conosco na aldeia de Juffre. E então, à medida que o motorista foi desacelerando, consegui ver as pessoas na aldeia em nossa frente amontoadas nos dois lados da pista, acenando, e havia uma cacofonia de sons que crescia à medida que nos aproximávamos. Quando alcançamos a fronteira da aldeia, me levantei no Land Rover e, olhando para baixo, para essa gente retinta acenando para mim, eu só consegui vê-los de forma turva. E ouvi os sons vindos deles. Meu primeiro pensamento, que me arrebatou, era que eles estavam ali sem nunca ter saído de África e eu-nós (símbolo de nós aqui deste país) estávamos em pé no Land Rover, e que era completamente arbitrário quais dos nossos antepassados tinham sido levados dali. Essa era a única diferença de onde estávamos, um lugar ou o outro. E eu estava simplesmente impregnado com essa percepção. Suponho que a gente estivesse percorrido um terço da pista na aldeia quando eu finalmente percebi racionalmente o que todos eles estavam falando. Não tinha entendido, acho, porque todos estavam clamando a mesma coisa, muito próximos, muito amontoados, velhos, jovens crianças retintas, todos juntos gritando: “Mister Kinte, Mister Kinte”. E me deixe contar a

¹¹ Esse tipo de contrato agrário é chamado de “parceria rural” em português (N. da T.).

vocês. Sou homem, mas um choro de soluçar me atingiu na altura do meu calcanhar e começou a subir. E eu comecei a chorar como eu nunca chorei em toda a minha vida. Acho que, se você realmente soubesse da história ancestral negra, de nós negros, se você soubesse o modo como cada um de nós chegou até aqui, não importa qual a tua reação depois, mas que primeiro você teria que chorar. E eu só consegui fazer isso. Lembrome de estar consciente de pessoas me encarando como se perguntassem “O que há de errado?”. E eu não liguei. Era a única coisa que eu conseguia fazer.

Sáímos da aldeia, fomos para o primeiro lugar em que era possível chamar um taxi para Dakar. Cheguei na cidade, peguei um avião, voltei a este país. Precisei de uma semana para me recompor emocionalmente o suficiente para voltar à editora. Fui à Doubleday e contei o que tinha acontecido. Contei que essa não era a história de uma família; era a narrativa de um povo transmitida pelos anos por meio da história oral. E o motivo de ser a narrativa do povo se deve ao fato de nós, o povo negro – provavelmente mais do que qualquer outro povo na face da terra de forma tão generalizada – compartilharmos de um passado muito semelhante. Cada um de nós, sem exceção, tem suas raízes em alguma dessas aldeias, pertenciam a algum desses grupos, foi capturado de alguma forma, foi colocado em algum desses navios negreiros, atravessou o mesmo oceano e foi parar em alguma forma de *plantation* até a Guerra Civil Americana, a abolição e, desde então, trava a luta pela liberdade. Por isso, o livro tinha de ser a história de um povo. Posto isso, eu, como símbolo do nós, e que por coincidência era um escritor, tinha de dar tudo de mim por este livro. Tinha de fazer de tudo, percorrer cada meada que poderia ter qualquer ligação com a história, a narrativa de nosso povo. A editora me respondeu que entendia e me deu tempo para prosseguir com o projeto.

Quando relembro a minha vida, parece que tantas coisas que aconteceram desde o tempo que eu era menino me prepararam para algo que esse livro demandaria. Por coincidência, alistei-me na Guarda Costeira dos Estados Unidos. Por coincidência, tornei-me um escritor durante o serviço. Quando comecei a levar a sério a escrita, o material que era disponível a mim eram documentos antigos marítimos. Passei anos mexendo nos registros antigos do U.S. Maritime Service, do antigo Lighthouse Service. Não são muitas as pessoas que sabem tanto de documentos da marinha, e não há muitos negros que tiveram acesso a essa área, por ela não compor o nosso contexto comum. Mas eu sabia bastante desses documentos.

Desde que eu era pequeno, minha avó sempre dizia que o navio chegou em um lugar que elas chamavam de “Naplís”. Pois bem, eu sabia que deviam estar falando de Annapolis, em Maryland. Além disso, eu sabia de onde tinha vindo aquele escravizado em especial; então obviamente alguma embarcação tinha vindo daquela região do rio Gâmbia e tinha chegado a Annapolis, em Maryland. Eu queria descobrir agora qual tinha sido o navio simbólico que trouxe por volta de 15 milhões de nossos antepassados vivos a este país. Para que fosse realmente esse navio simbólico, era necessário ser o navio específico que tinha transportado Kunta Kinte. E enveredei numa busca por

aquele navio. O *griot* tinha dado uma referência temporal a seu modo: “Por volta do tempo em que os soldados do rei vieram”. Então descobri que ele estava falando de um grupo chamado homens do Coronel O’Hare que chegou no rio Gâmbia em 1767 para fazer a guarda do forte costeiro negroiro Fort James. Consegui, assim, a data de calendário. Em seguida, comecei a trabalhar para encontrar aquele navio. Na época, essas regiões ainda eram colônias; a metrópole era a Inglaterra. Por isso, peguei um avião e fui a Londres. Comecei a pesquisar nos arquivos. Fui à Lloyd’s¹² e conversei com um homem chamado sr. R. C. E. Landers. Entrei em seu escritório e simplesmente disse tudo o que eu queria fazer e, depois de um tempo, ele me disse “Jovem, Lloyd’s of London fará tudo em seu poder para ajudá-lo”. E foi Lloyd’s of London que me abriu as portas para que eu pudesse acessar a fonte dos arquivos na Inglaterra.

Comecei a procurar os registros dos navios que tinham vindo de África para este país. Há caixas de registros de navios negroiros, de embarcações em geral, mas também de navios negroiros que navegaram há dois séculos e que nunca foram abertas. Ninguém acessou elas desde então. Há simplesmente pilhas de registros. A escravidão era uma indústria; não era percebida nem um pouco como algo pejorativo. Tratava-se apenas de mais um negócio da época. Na sétima semana de uma pesquisa traumática, numa tarde por volta das 14:30h, eu estava na 1.023ª série de registros de navios negroiros e encontrei uma tabela que tinha o movimento de 30 navios. Meus olhos percorreram a lista, vi o número 18, meus olhos seguiram a linha da tabela e alguma coisa me disse que aquele podia ser o navio. Os fatos essenciais estavam ali. Quase não tive reação. Anotei a informação em um papel, levei na mesa e fui embora. Na esquina em frente com a rua Castle Lane tinha uma pequena loja de chá. Entrei, tomei um chá e comi um *cruller*.¹³ Fiquei sentado bebendo chá e balançando minha perna como se fosse um dia normal, quando de repente me dei conta de que talvez eu tivesse encontrado o navio. Ainda devo o chá e o doce àquela senhora.

Peguei um taxi; nem parei no hotel para pegar a escova de dentes. Disse para o taxista: “Heathrow!”. No filme que passava na minha cabeça, já conseguia visualizar o livro de que eu precisava. Eu já tinha tido o livro em mãos. O taxi me levou ao aeroporto Heathrow a tempo de eu pegar o voo da Pan American das 18h para Nova Iorque, atravessei o oceano naquela noite e não consegui nem fechar os olhos para dormir. Consequia ver o livro, tinha uma capa marrom escura de couro: *Shipping in the Port of Annapolis*,¹⁴ por Vaughan W. Brown. Cheguei em Nova Iorque, peguei a estrada para Washington, para a biblioteca Library of Congress e encontrei o livro. Ele me deu um pouco mais de certeza que tinha encontrado o navio certo. Perdi a compostura.

¹² Lloyd’s of London é um mercado muito influente de seguro e resseguro com sede em Londres, na Inglaterra, fundado em 1686 (N. da T.).

¹³ Doce de massa frita muito comum nos Estados Unidos e no Canadá (N. da T.).

¹⁴ Título que poderia ser traduzido por “Navegação no porto de Annapolis” em português (N. da T.).

Comecei a fazer telefonemas, e finalmente alcancei o autor Vaughan Brown, um corretor em Baltimore. Fui à sua agência corretora, passei por sua secretária como se ela não existisse e entrei em seu escritório. Ali estava um homem que provavelmente nunca tinha conversado com uma pessoa negra em sua vida inteira. Ele tinha crescido em Virgínia, no estado de Maryland, e sua história era essa. Mas quando falava, de homem para homem, do entusiasmo, da garra, da paixão de tentar recuperar a história de um povo a partir da história oral, conjugado agora com uma história documentada, as pessoas ficavam tão comovidas que paravam o que estavam fazendo literalmente, esqueciam das obrigações de trabalho temporariamente, para me ajudar. Aquele homem deixou sua agência corretora, pegou a estrada para Annapolis para me ajudar a confirmar que aquele era o navio.

Atravessi o Oceano Atlântico, ida e volta, três vezes nos dez dias seguintes. Nas semanas seguintes, fiquei viajando na região da Nova Inglaterra, fui ao Museu Peabody de História Natural, aos Arquivos Widener, em Harvard, e a vários outros lugares, em busca de alguma coisa, tudo que eu pudesse encontrar sobre esse navio, a embarcação simbólica que tinha trazido os 15 milhões, o navio específico que trouxe Kunta Kinte.

Finalmente, descobri, de uma ou de outra fonte, que o nome do navio era *Lord Ligonier*. Tinha sido construído em 1765; e aquela era sua primeira viagem. Seu capitão era Captain Thomas Davies. A embarcação tinha partido em 1765 levando rum para Gravesend, na Inglaterra. Tinha vendido a carga, e com os lucros tinha comprado as ferragens para escravização (as correntes, as algemas, e outros instrumentos restritivos), a comida para completar as provisões necessárias em um navio negreiro, e contrataram a tripulação extra de que o navio negreiro precisava. Em seguida, iniciou a viagem no Canal da Mancha. Havia pontos de controle ao longo do canal. E esses registros ainda existiam. Passei a localizar os registros desse e do outro ponto e folhear rapidamente até encontrar o *Lord Ligonier*. Era quase como se eu estivesse correndo ao longo da praia olhando para ele. Sabia como ele era. Sabia qual era a sua madeira. Ele era feito de tábuas de pinha *lobolloy*. Sabia que seus mastros eram feitos de cedro *hackmatack*. Sabia que os pregos que o prendiam não eram realmente pregos, mas cavilhas de madeira feitas de *black locust* no topo com haste de carvalho. Sabia que o linho que compunha suas velas tinha sido plantado em Nova Jersey. Eu sabia tudo sobre o navio. Conhecia a estrutura de suas velas. Era capaz de visualizá-la. Eu conseguia até ler a mente do capitão. Sabia que ele tinha um navio novo em uma viagem inaugural, e ele estava se esforçando para navegar o mais rápido possível até a fonte do ouro negro, para receber o carregamento e voltar pelo caminho mais curto, o que impressionaria os donos. E o segui por cada ponto de controle e então ele chegou a um lugar conhecido como The Downs e, por Deus, descobri que o navio lançou sua âncora. Quase perdi o controle. Por que diabos ele tinha ancorado? Sabia que ele estava navegando para fazer uma excelente viagem e isso me tirou do sério. Não conseguia suportar não saber a razão do navio ter parado. Depois de pensar, finalmente me dei conta de que as embarcações na

época não tinham motores. A única coisa que movia as embarcações era o vento nas velas, portanto, para descobrir o motivo de essa embarcação parar, eu obviamente tinha que saber mais do clima. Deixei tudo de lado. Descobri que a sede da meteorologia britânica ficava em uma cidade chamada Bracknell. Peguei um trem, fui para lá e contei a algumas pessoas, olha, eu tenho que saber do clima no outono de 1766. E elas me olharam como se eu fosse louco.

Naquela noite em que voltei a Londres, senti-me o mais próximo de suicídio que estive em toda a minha vida. Se não conseguisse encontrar essa informação, eu seria um fracasso. Precisei de três dias para me recompor. E saí dessa crise acreditando que deveria haver algum jeito. De novo, a minha experiência anterior foi fundamental. Não tinham sido 20 anos de serviço na Guarda Costeira dos Estados Unidos à toa. Consegui um mapa meteorológico em branco. Peguei meus instrumentos e encontrei a corrente marítima na qual qualquer navio teria que navegar para ir do Canal da Mancha até o rio Gâmbia a centro-oeste da costa africana. Assim, concluí que era necessário reunir de qualquer forma possível toda informação documentada disponível sobre o clima que eu conseguiria encontrar naquela corrente marítima entre os meses de abril e setembro de 1766. Comecei a viajar para toda cidade inglesa que tinha, na década de 1760, um porto significativo – Liverpool, Hull, entre outras. E toda a vez que chegava em uma dessas cidades, eu visitava tudo o que parecia com uma biblioteca.

Como antigo integrante da Guarda Costeira dos Estados Unidos, sabia que, toda a vez que um navio de vela trocava de guarda, eles anotavam o clima, a longitude e latitude no registro. E sempre que eu encontrava um navio que tinha passado por qualquer trecho daquela corrente marítima entre abril e setembro de 1766, eu selecionava as observações sobre clima e recolhia os dados de longitude e latitude para localizar onde a embarcação estava quando o registro tinha sido feito.

Voltei a Bracknell depois de aproximadamente três semanas com 411 registros de clima distribuídos na corrente marítima. Encontrei dois capitães-tenentes, da Royal Navy, a marinha britânica, especialistas em meteorologia. Eles reuniram colegas e, para eles, aquilo foi como um quebra-cabeças. Eles precisaram de dois dias para reconstruir as condições climáticas em que o navio *Lord Ligonier* tinha navegado. Descobri a razão de a embarcação ter parado no início: o vento tinha mudado de direção. Ela estava saindo do canal e, num momento em que era necessário ventos de leste para conseguir progredir, ela se deparou com ventos do sudoeste, e tudo o que ela podia fazer era navegar de um lado ao outro entre as costas inglesas e francesas. Por isso, foi necessário ancorar em The Downs, não muito longe de onde as galeras a remo de César tinham anexado a Grã-Bretanha ao Império Romano. *Lord Ligonier* teve de ficar ancorado naquele ponto em uma profundidade de cerca de 8 braças por quase duas semanas até que o vento mudou para sudeste. Isso foi numa terça-feira de manhã, no dia 15 de maio de 1766. A temperatura era de 66º Fahrenheit, a pressão medida era de 10-10 milésimo de bar. Chuviscava de leve e aos poucos o tempo se abria. Esse foi o dia

em que a embarcação içou suas velas. Ela passou dos penhascos brancos de Dover, chamados Shakespeare Cliffs, o cabo de Dungeness, Berry Head, até a península de The Lizard. O navio entrou em mar aberto ao sudeste do Golfo da Biscaia, passou para o sul de Cabo Verde, das Ilhas Canárias e, finalmente, entrou no rio Gâmbia. O navio permaneceu ali durante dez meses capturando escravizados naquela região. Ao final dos dez meses, tinha reunido seu carregamento: 3.265 dentes de elefante, como chamavam as presas, 3.700 libras de cera de abelha, 800 libras de algodão cru, 32 onças de ouro, 140 escravizados. E, com essa carga, a embarcação içou as velas no dia 5 de julho de 1767. Era um domingo.

Um dos fatos mais perversos com o qual me deparei foi que as pessoas que poderiam ser descritas como a hierarquia do sistema escravocrata, ou seja, os senhores de escravos, os comerciantes, os capitães desses navios, esforçavam-se por demonstrar de todas as formas possíveis que estavam operando em um contexto cristão. Se fosse viável, os navios negreiros com carga partiam num Sabbath, como esse também fez. Havia um dito popular na época: “Deus abençoará a viagem”, ou Deus abençoará. O *Lord Ligonier* partiu diretamente do rio Gâmbia para Annapolis, em Maryland. Ele chegou na manhã de 29 de setembro de 1767. No dia 29 de setembro de 1767, eu estava no píer de Annapolis encharcado de lágrimas.

Fui ao arquivo Maryland Hall of Records (procurei no conjunto de documentos que geralmente guarda vestígio até da época de Cristo: os registros fiscais) para descobrir com o que carga o navio tinha entrado no país e o que tinha sido declarado. A mesma carga registrada ao deixar a costa africana foi declarada para fins fiscais na chegada, com a exceção de que os 140 escravizados originais tinham se tornado 98 que sobreviveram a essa travessia. O navio negreiro fez a viagem em dois meses, três semanas e dois dias, uma viagem de aproximadamente 5.000 milhas.

Eu sabia que, assim como hoje em dia, quando se tinha um carregamento tão valioso, como escravizados o eram, que deveria haver alguma propaganda. E fui pesquisar nos arquivos do jornal *Maryland Gazette*. Na edição de primeiro de outubro de 1767, na página 3, na coluna da extrema esquerda, terceira seção de cima para baixo, estava a propaganda do *Lord Ligonier*. A embarcação tinha acabado de chegar do rio Gâmbia “com escravos frescos à venda” a serem leiloados na quarta-feira seguinte no cais Meg’s Wharf. A partir daí, eu já confiava mais na história oral do que nas páginas impressas e sabia que minha avó dizia que tinha sido o sinhô John Waller quem comprou aquele escravizado e o nomeou Toby. Tinha ouvido também que, mais tarde, o sinhô John o tinha vendido para o sinhô William, seu irmão. Eu sabia que a maioria das transações envolvendo escravizados, mesmo entre familiares, eram assuntos legais. Fui a Richmond, em Virginia, em busca das escrituras judiciais, encontrei um registro datado de 5 de setembro de 1768, entre dois irmãos, John e William Waller, no condado de Spotsylvania, no estado de Virgínia, transferindo bens entre si. E na segunda página do documento relativamente longo estavam as palavras “e também um

escravo negro chamado Toby”.

Eu poderia ficar aqui por seis horas falando sobre isso. Obviamente, estou obcecado por isso. Estou agora há quase oito anos debruçado nisso. Um dos desfechos é que meus irmãos e eu fundamos a Kinte Foundation com vários propósitos.¹⁵ Um deles é montar a primeira biblioteca genealógica negra deste país. Wendell (Wray), Courtney (Brown) e outros de nós já começaram esse trabalho. Com o tempo divulgaremos, a equipe de 15 pessoas que estão no início do trabalho de coleta da documentação para a criação da Kinte Black Geneological Library, que abrirá suas portas, em algum momento futuro, em Washington, D.C., em 1976, no bicentenário.¹⁶ A biblioteca reunirá tudo o que pudermos encontrar que documente escravizados, negros libertos, quaisquer negros antes de 1900.

Como grande parte do nosso material é derivado, o que significa que se encontram muitos arquivos negros no que parecem ser superficialmente arquivos brancos, é de extrema importância que tentemos e compartilhemos isso com vocês. Vocês, em seus trabalhos, podem se deparar com documentos que nós gostaríamos muito de ter e que, eu sei, vocês também gostariam que tivéssemos. Espero que, com sorte, o livro, o filme (os direitos para o filme já foram negociados), a biblioteca, a fundação, tudo isso consiga promover uma nova e enorme ênfase, uma conscientização pública e da imagem pública – no mundo inteiro – da história oral. Também esperamos que possamos reavaliar em todo o mundo algo que prejudica não só a história negra, mas a história de todos. Pois que a história foi predominantemente escrita pelos vencedores, o que já estraga tudo desde o começo. Aqui está um meio que, espero, possa difundir conscientização de que a história negra não é um apelo eufemístico de um povo tentando elaborar uma narrativa falaciosa de si, mas que se trata de uma verdade disciplinada, documentada e comprometida.

¹⁵ Kunta Kinte Alex Haley Foundation. Disponível em: <https://kintehaley.org/>. Acesso em: 12 maio 2021 (N. da T.).

¹⁶ Bicentenário da Declaração de Independência dos Estados Unidos, proclamada no dia 4 de julho de 1776 (N. da T.).